

ENTREVISTA/Paulo Hartung

# 'Primeiro, o ES tem que arrumar a casa'

ANDRÉ HEES

**E**leito senador com 780 mil votos, o ex-prefeito Paulo Hartung (PSDB) prepara-se para representar o Espírito Santo na chamada Câmara Alta, em que os Estados da Federação têm o mesmo peso político. Hartung não esconde que sua opção inicial era o Palácio Anchieta, projeto que ainda mantém, embora evite falar sobre a próxima disputa eleitoral. No momento, ele ressalta estar preocupado em exercer o mandato que conquistou, com votação histórica, e contribuir para o desenvolvimento do Espírito Santo, num contexto de crise mundial. Bem articulado com figuras de destaque do Governo Federal, ele é amigo pessoal de José Serra, ministro da Saúde, e de Luiz Carlos Mendonça de Barros, das Comunicações. Os dois são cotados para permanecer na equipe de Fernando Henrique no segundo mandato. Medonça de Barros poderá assumir a mais importante pasta do novo Governo, o Ministério da Produção, a ser criado exatamente para enfrentar a crise. Seu trânsito em Brasília, evidentemente, poderá beneficiar o Espírito Santo, observa Hartung. Antes, porém, ele destaca que o Estado precisa fazer o "dever de casa", gíria de tecnocrata que, em síntese, significa equilibrar receita e despesa. Com as contas equilibradas, argumenta Paulo Hartung, o Estado terá mais facilidade para atrair investimentos e buscar financiamentos em instituições financeiras nacionais e internacionais. Para isso, é importante que o futuro governador, José Ignácio Ferreira (PSDB), monte uma boa equipe de administração. Ele garante estar disposto a superar as rugas de campanha para ajudar o Estado. Na última sexta-feira, Hartung falou a A GAZETA com exclusividade.

**A GAZETA - E agora? O que o senhor vai fazer no Senado? Tem algum projeto para as reformas que devem vir?**

**PAULO HARTUNG -** O Senado é muito importante para um Estado como o nosso, que tem uma população pequena se comparada à de outros e, conseqüentemente, tem representação pequena na Câmara. No Senado, ocupamos o mesmo espaço que Minas ou São Paulo, por exemplo. Todos temos três senadores. Podemos, então, ter uma boa briga com os grandes Estados. Pretendemos ajudar o Brasil a fazer as reformas que precisam ser feitas. A luta que vamos travar em nome

relação política muito forte. O Mendonça me convidou para a diretoria do BNDES, trabalhamos juntos quase um ano. Praticamente organizei os programas que o banco passou a ter na área social. Essas relações são resultado do trabalho que venho desenvolvendo na vida pública. Quanto à outra pergunta, vou exercer o mandato de senador. Com uma votação como essa que recebi, meu papel agora é cumprir essa ação de representação do Espírito Santo no Senado. Estou muito entusiasmado e disposto a exercer este mandato. Agora, a reorganização do Ministério já foi anunciada, não sei exatamente qual ator



Chico Guedes

atrair novos investimentos, novos negócios para o Espírito Santo. Considero isso da maior importância. Como senador, pretendo trabalhar para que o Estado seja colocado com dignidade no mapa econômico-social do país. Aquela velha história de esperar que o setor público resolva o problema

tente equipe de Governo, que tenha o respeito de toda a sociedade. Eu acho o Espírito Santo fácil de ser administrado. É viável e pode ser o orgulho do Brasil. Minha esperança é que o novo governador monte uma equipe capaz, competente. Nossa crise é conjuntural. A solução da crise

resse dos capixabas, estou remando a favor, não me interessa quem são os companheiros de barco, não me interessa qual foi o comportamento deles, há um mês ou há vários meses atrás. Por outro lado, minha chegada ao Senado vira uma página importante: vamos acabar com essa história de bloquear os interesses do Estado por questões políticas menores. Cito o exemplo de bloqueio, o que foi feito, pela nossa bancada de senadores, para que o presidente não viesse a Vitória inaugurar o projeto São Pedro. O presidente chegou a marcar a data e ele só não veio porque os senadores avaliaram que isso fortaleceria a minha imagem. Isso tem que acabar. Por eu ser um político mais jovem e de outras idéias, me cabe romper com esse comportamento e vou romper. Ele não faz sentido, é atraso, é pequeno, não nos leva a lugar nenhum.

**- O senhor falou em problemas na convenção. Os aliados do senador José Ignácio dizem que o problema é que o senhor perdeu e não assimilou a derrota. Foi isso?**

- Não. Nós perdemos a convenção, fomos para casa, o senador foi à minha casa, me convidou para ser candidato a senador no seu palanque, na sua campanha, eu aceitei. O João Batista Mota, que era o candidato, cedeu a vaga, num gesto muito bacana. Eu aceitei ser candidato a senador, mas o que me surpreendeu e surpreendeu a todos foi ver depois que o mesmo convite feito a mim foi feito ao candidato do PFL, sendo que a eleição tinha uma vaga só. Não guardamos nenhum ressentimento, não sou político de andar com a cabeça para trás, sou político de olhar para frente.

**- Mas o senhor bate nessas teclas...**

- Acho que subestimaram a inteligência do povo capixaba. Tentaram armar uma arapuca. Essa conversa de palanque com dois candidatos a senador é arapuca para pegar tuano distraído. Sé-

rança como a do José Carlos da Fonseca Jr. (PFL), que usou o slogan "O ES de cara nova". É jovem, diplomata de carreira, exerceu funções importantes, tem trânsito no Governo federal. É também forte candidato a governador daqui a quatro anos. O que o senhor diz?

- Acho positiva a eleição do Fonseca Jr. Ela caminha na direção do que tenho lutado com dificuldade no Espírito Santo, muitas vezes isolado, que é o processo de renovação da política. É alguém que tem preparo pessoal. Acho que a política mudou. Tem que ser feita por quem tem preparo técnico e político. A eleição dele é salutar para a democracia. Considero o processo de renovação fundamental para a política. Quando me bloquearam diversas vezes na política do Espírito Santo não me bloquearam pelos meus defeitos. Me bloquearam com medo de eu chegar ao Poder e realizar um bom governo, por exemplo. Isso está no semblante dos caciques políticos. Não deixaram sequer eu ir para rua. Me bloquearam no tapetão porque, diga-se de passagem, as convenções partidárias no Brasil ainda são arranjos. Por isso eu defendo uma reforma política, para os partidos terem vida democrática.

**- A convenção que o senhor perdeu foi um arranjo?**

- A convenção que eu perdi é uma página virada, eu tenho que largar isso para lá, eu tenho uma missão muito mais importante do que isso, que é ser um bom senador para o Espírito Santo. Não vou me debruçar em cima disso. Minha prioridade é ser um bom senador e se Deus quiser vou conseguir, por onde passei até hoje deixei uma marca positiva.

**- O senhor teve a maior votação da história do Espírito Santo mas houve lideranças importantes ligadas ao senhor que tiveram votação abaixo da expectativa, como Lelo Coimbra (PPS) ou César Colnago (PPS -**

as ou São Paulo, por exemplo. Todos temos três senadores. Podemos, então, ter uma boa briga com os grandes Estados. Pretendemos ajudar o Brasil a fazer as reformas que precisam ser feitas. A luta que vamos travar em nome do Brasil sempre vai ter a presença do interesse do nosso Estado, até porque passo a ser representante numa instituição que só existe para equilibrar politicamente os Estados.

#### – O senhor já tem projetos para apresentar no Senado?

– Temos vários em muitas áreas. Considero a mais importante delas a política. Uma das coisas que atrapalham o Brasil hoje é uma legislação eleitoral e partidária muito fraca que desorganiza a vida política do país. O presidente da República, diferentemente do que ocorre nas democracias avançadas, quando quer aprovar alguma coisa no Congresso, tem que conversar com 150, 200 parlamentares. Nas democracias avançadas, o presidente, ou o primeiro ministro, conversa com as lideranças partidárias. É importante estabelecer que os mandatos não são propriedade pessoal, eles pertencem aos partidos políticos. Acho que a forma de organizar a vida partidária precisa ter limites, cláusulas muito claras. É um dos muitos assuntos que pretendo abordar. Sou a favor, por exemplo, do voto distrital misto. Faz mais justiça, diminui custos de campanha, melhora a fiscalização que os representantes podem exercer sobre os representantes.

– O senhor tem boa relação com ministros como José Serra e Luiz Carlos Mendonça de Barros, que devem continuar na equipe de Governo. O Mendonça de Barros, inclusive, poderá ocupar um dos mais importantes Ministérios, o da Produção. Em que essa proximidade poderá ajudar o Espírito Santo? O senhor poderá também integrar a nova equipe de Governo?

– Essa proximidade nasce do meu trabalho. Com o ministro José Serra, ela nasceu quando fui deputado federal e fui vice-líder do PSDB na Câmara. Ele era o líder e criamos, a partir daí, uma

papel agora é cumprir essa ação de representação do Espírito Santo no Senado. Estou muito entusiasmado e disposto a exercer este mandato. Agora, a reorganização do Ministério já foi anunciada, não sei exatamente qual ator político vai ocupar este ou aquele Ministério, mas seguramente o PSDB terá uma participação importante e pessoas do meu relacionamento estarão presentes. O Ministério da Produção é muito importante. O país precisava de uma instituição dentro do Governo que cuidasse das exportações, que pensasse a questão do emprego e da renda. Este novo contexto, as novas tecnologias, estão mudando a estrutura tradicional do emprego. Temos que refletir sobre outras atividades geradoras de emprego. Isso é um avanço em relação ao primeiro governo.

– O senhor já disse que, por falta de habilidade política, o Espírito Santo perdeu, por exemplo, algumas montadoras. Essa relação com o Serra ou com a equipe de FHC pode favorecer a atração de investimentos?

– Claro, vou trabalhar neste sentido. O Espírito Santo tem pelo menos três coisas importantes

‘TEMOS QUE TER ESTA REFLEXÃO: COMO VAMOS ATENDER A ESSA JUVENTUDE QUE ESTÁ SE PREPARANDO E QUER ENTRAR NO MERCADO DE TRABALHO? FORTALECENDO ATIVIDADES QUE EXISTEM AQUI E TRAZENDO OUTRAS’

para fazer. Primeiro, tem que arrumar a casa, acertar as finanças públicas. Isto depende do futuro governador e de sua equipe. A segunda questão é que precisamos apoiar as atividades econômicas que já existem no Espírito Santo, como a agricultura, a cafeicultura, as mais recentes como a fruticultura, o aço, a celulose, a produção de pellets – temos o maior complexo de pelotização do mundo – a produção de chocolate, de linho, nossos pólos de confecção, precisamos modernizar essa estrutura portuária, enfim, precisamos fortalecer as atividades que já estão aqui. A terceira tarefa é

Considero isso da maior importância. Como senador, pretendo trabalhar para que o Estado seja colocado com dignidade no mapa econômico-social do país. Aquele velha história de esperar que o setor público resolva o problema do desemprego, empregando, não tem cabimento mais. Se as prefeituras praticarem empreguismo, quebram. O Governo do Estado não está conseguindo pagar os funcionários que tem. Temos que ter esta reflexão: como vamos atender a essa juventude que está se preparando e quer entrar no mercado de trabalho? Fortalecendo as atividades que já existem aqui e trazendo outras.

– O senhor falou na necessidade de o próximo Governo equilibrar as finanças. Qual a expectativa do senhor com relação à futura administração?

– Vamos ter mais clareza sobre a cara do futuro Governo na hora em que o governador apresentar sua equipe. Sou daqueles que não acredito que alguém seja capaz de fazer algo sozinho. Acredito no trabalho em equipe e demonstrei isso na Prefeitura de Vitória. Fui assessorado nas áreas específicas por gente que conhecia a área melhor do que eu. Sempre disse que quem gosta de bajulador coloca incompetente no cargo. Quem gosta de assessor, vai pegar pessoas competentes. O atual Governo termina mal e uma das razões é uma equipe muito fraca. Vamos conhecer a cara do futuro Governo na hora em que ele apresentar seus assessores. Durante a campanha, foi levantada a colocação de que, desde a convenção do PSDB, foram feitos acordos visando o loteamento do governo. Agora, com as indicações, vai ficar claro se compromissos de loteamento foram assumidos ou não. Minha torcida é para que não tenham sido. O Espírito Santo não merece isso. Tanto que, na convenção, quando fui pressionado para fazer, não fiz.

– O senhor foi pressionado por quem na convenção?

– Isso é conhecido. O prefeito de Vila Velha (Jorge Anders – PSDB) fez pedidos que não aceitei e por isso não obtive seus votos. O Espírito Santo precisa, hoje, de uma boa equipe para trabalhar.

– O que ele pediu?

– Isso foi amplamente divulgado. Acho que não me cabe ficar remoendo essas coisas. Já virei essa página. Mas o Espírito Santo, para sair dessa dificuldade conjuntural, precisa de uma po-

teclas... de ser administrado. É viável e pode ser o orgulho do Brasil. Minha esperança é que o novo governador monte uma equipe capaz, competente. Nossa crise é conjuntural. A solução da crise está na nossa casa. No momento em que arrumarmos a casa, não vão faltar parceiros nacionais ou internacionais, como não faltaram ao Ceará ou à Bahia. Eles primeiro organizaram a casa. Quando mostraram isso para o Brasil e o mundo, o Banco Mundial, o BID, chegaram lá e ofereceram recursos na área social, para atender a crianças e adolescentes, por exemplo. Isso ocorreu quando eles deram o exemplo de que eles tinham capacidade de gerenciar, ao invés de ficar transferindo a responsabilidade da crise para terceiros, ou procurando um Papai Noel com um saco cheio de dinheiro que resolva nosso problema.

– Para equilibrar as contas o senhor acha imprescindíveis medidas duras como demissão ou extinção de Secretarias?

– Quem vai saber profundamente o que é necessário é quem vai pegar a máquina na mão agora. Há muito desencontro nessa área. Você liga a TV num dia e vê um secretário de Estado dizendo que as contas estão equilibradas. No outro dia, o mesmo canal de TV mostra que há contas atrasadas e depois você vê despesas supérfluas sendo feitas, quer dizer, a realidade é muito caótica. O futuro governador vai conhecer a realidade agora, penetrando na máquina.

– Como será a relação do senhor com o governador José Ignácio?

– Se tentar esconder do povo que houve problemas na convenção do partido, na campanha eleitoral, o povo vai entender que isso é uma conversa de gente cínica. Os problemas existiram e fazem parte da história da política no Espírito Santo, só que é uma página virada da história. Estamos agora escrevendo outra página. O resultado das eleições está aí e temos outras tarefas pela frente. Onde for colocado o inte-

‘QUEM GOSTA DE BAJULADOR COLOCA INCOMPETENTE NO CARGO. QUEM GOSTA DE ASSESSOR, PEGA PESSOAS COMPETENTES. O ATUAL GOVERNO TERMINA MAL E UMA DAS RAZÕES É UMA EQUIPE MUITO FRACA’

– Os parlamentares dizem que a bancada federal nunca foi tão unida quanto nesta legislatura. Os três senadores, os deputados... E agora? E as divergências, por exemplo, entre o senhor e o senador Gerson Camata (PMDB)?

– Não me cabe fazer a avaliação da bancada anterior. O povo capixaba já fez. Evidente que tem que dar um desconto, porque o voto de legenda sempre penaliza uns e beneficia outros. Mas o povo já avaliou e houve renovação de 50%. Acho que emergência das urnas uma bancada muito boa. A presença do Ricardo Ferraço (PSDB), com 35 anos, tendo sido o mais votado, é importante. Ele é jovem, atuante. Tem a presença do Max Mauro (PTB) de novo na vida política do Espírito Santo, um homem experiente, foi um bom governador. A reeleição de alguns parlamentares que demonstraram muita disposição para o trabalho, como é o caso do Nilton Baiano (PPB), do Marquinhos Vicente (PSDB), é importante. Acho que a bancada da Câmara é muito boa. O que não vai haver mais é o acordo de senadores. O acordo entre os senadores era só para que os que nada fizessem não precisassem prestar contas. Esse acordo mercado pela acomodação não faz sentido. A gente tem que trabalhar, fazer uma agenda, priorizar o que for fundamental para o Espírito Santo. O povo do Espírito Santo reprovou isso de forma contundente.

– Emergiu também uma lide-

ção da história do Espírito Santo mas houve lideranças importantes ligadas ao senhor que tiveram votação abaixo da expectativa, como Lelo Coimbra (PPS) ou César Colnago (PPS – vice na chapa de Albuíno). Eles são aliados históricos, trabalharam com o senhor na Prefeitura. O que houve?

– Você pode olhar os aliados que não tiveram o desempenho bom e pode olhar os aliados que tiveram desempenho bom. São muitos os aliados que tiveram excelente desempenho na campanha eleitoral. Evidente que, numa campanha para o Senado, uma campanha majoritária, recebeu apoio de lideranças as mais diversas possíveis, de diversas regiões do Estado. Cresceu muito o apoio à minha ação política. Seria bom que Lelo tivesse sido eleito deputado estadual? Sim, inclusive para a vida pública do Espírito Santo. Ele tem sido um bom deputado. Fiscalizador, atuante. Foi mais votado do que muitos deputados que entraram. Isso faz parte das dificuldades de um sistema político que elege os deputados pelo voto proporcional, que eu questiono. O sistema distrital misto é muito melhor. Mas a gente poderia fazer uma lista interminável de aliados de primeira hora, de pessoas que são leais à minha caminhada há muitos anos e que estão aí bem sucedidos nesta campanha eleitoral. O Lelo foi o deputado mais votado de Vitória. Ele é um vitorioso. É o primeiro suplente e seguramente vai exercer o mandato de deputado estadual. Na sua coligação tem alguns candidátissimos a prefeito de seus respectivos municípios. Seria bom que ele estivesse lá desde janeiro.

– Como o senhor avalia o resultado geral das eleições?

– O eleitor votou e mandou um grande recado para os caciques políticos do Espírito Santo. A eleição do Max Filho (PTB), tendo sido o mais votado para deputado estadual, um jovem político e atuante, a votação do Ricardo sendo o mais votado para deputado estadual, e a eleição de políticos experientes e importantes como Max, que teve votação expressiva em Vila Velha, mostra uma coisa clara: o eleitor capixaba está insatisfeito e até irritado com a política que vem sendo praticada no Espírito Santo e mandou um sinal forte trabalhando a mudança. O sentido da renovação e o sentido de trazer o Max de volta, que foi um bom governador, austero, que manteve as contas equilibradas, acho que é sinal muito forte.